

UMA ABORDAGEM PRELIMINAR SOBRE A DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO RACIAL NA CIDADE DE PELOTAS (RS)

Patrícia Fernandes Mathias Morales¹; Rosane Aparecida Rubert²;

¹Bacharelado em Antropologia e Arqueologia- UFPEL – patriciamoralespel@gmail.com

² Departamento de Antropologia e Arqueologia-UFPEL– rosru@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na cidade de Pelotas, após a abolição da escravatura, persistiu a discriminação racial em relação aos ex-escravizados e seus descendentes. Os segmentos negros foram proibidos de frequentar alguns lugares ou andar em algumas ruas públicas da cidade. Essas proibições na sociedade pelotense, impostas pela elite, são um indício do quanto foi difícil para os afrodescendentes se inserirem no meio social, e o quanto foi tortuosa a passagem da condição de escravizados para a condição de cidadãos livres.

Através do projeto “Assessoria ao Clube Social Negro Fica Ahi Pra Ir Dizendo no seu processo de transformação em Centro de Cultura Afro- brasileira”, no qual já participei como bolsista e continuo a participar como voluntária, tive o contato com o acervo de entrevista do clube e com alguns(mas) entrevistados(as) que relataram a sua trajetória de vida como cidadãos pelotenses afrodescendentes. A intenção é iniciar uma pesquisa sobre as faces do racismo na sociedade local, e como elas se transformam ou persistem através do tempo.

Segundo Antonio Sérgio Guimarães (2001), o mito da democracia racial que vigorou durante muito tempo e ainda persiste enquanto ideologia, afirmava que no Brasil não existiria preconceito racial e que os brasileiros viveriam em uma sociedade sem barreiras. Estas ideias foram, inclusive, amplamente divulgadas para o restante do mundo, principalmente nos países desenvolvidos. Pesquisas que começaram a ser realizadas na década de 1950, com Florestan Fernandes (2007) e depois, Carlos Hasenbalg (2005), revelaram a íntima relação entre hierarquia socioeconômica e pertencimento étnico-racial no Brasil. Estes autores apontam que a discriminação e o preconceito racial no Brasil sempre existiram e o mito da democracia racial apenas acobertava esta realidade, impedindo que as pessoas tomassem consciência dela e se manifestassem a respeito do racismo.

Em 1930 surgiu, pela primeira vez, um movimento político negro no Brasil, a Frente Negra Brasileira, que começou a tratar sobre o tema, sendo que neste mesmo período foi criada a Frente Negra Pelotense. A partir de 1945, surgiram novas organizações, como o Teatro Experimental do Negro (TEN), “[...]que serão, de certo modo, incorporadas pela Segunda República incorporadas no sentido de que funcionarão livremente, além de influenciarem a vida cultural, ideológica e política nacional” (GUIMARÃES, 2001, p. 149).

O projeto da Unesco foi de grande importância para discutir esse tema, se haveria ou não discriminação racial no Brasil, e os intelectuais se confrontaram com a diversidade de tonalidades dos brasileiros e as consequentes dificuldades de lidar com esse assunto. O problema da mestiçagem até hoje é objeto de intensas discussões. Quem é de fato o mestiço, a mistura do branco e o negro ou a mistura do índio e negro? E quando há a ascendência dessas três matrizes em uma só pessoa, como defini-la? Em que categoria esse indivíduo se enquadraria?

Oracy Nogueira (2006) considera como preconceito racial uma disposição ou atitude, culturalmente direcionada aos membros ou grupos étnicos seja devido a sua aparência ou quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo. Este autor considera que no Brasil o preconceito é de marca (cor), ele tende de ser mais intensivo do ponto de vista estético e faz com que o indivíduo discriminador reforce o sentimento de inferioridade desses traços indesejáveis aos membros do grupo discriminado.

Pelotas compartilha deste contexto brasileiro, pois a cidade foi construída através da mão de obra de trabalhadores escravizados, dominada por charqueadores que enriqueceram através dessa mão de obra. Segundo a historiadora Beatriz Loner (2009), esse comportamento fez com que a discriminação racial em Pelotas fosse muito forte após abolição da escravatura. Sendo que essas pessoas afrodescendentes “eram proibidas de sentar em algumas praças públicas, não poderiam entrar em cafés, cinemas, teatros, clubes e outros espaços sociais da cidade” (LONER, 2009, p. 147). Beatriz Loner destaca que em 1927, após 39 anos da abolição da escravatura, as principais associações negras foram a público denunciar as formas de discriminação vigentes na cidade. Como contraponto a esta realidade, os afrodescendentes pelotenses formaram associações de clubes recreativos, teatrais, carnavalescos, futebolísticos, etc, além de “[...] entidades mutualistas, de assistência às crianças e de representação, as quais auxiliavam na integração de seus membros na sociedade” (LONER, 2009, p. 03).

2. METODOLOGIA

O trabalho aqui exposto deriva de uma sistematização ainda parcial de entrevistas abertas realizadas com antigos sócios do clube Fica Ahi e pessoas negras portadoras de memórias específicas, por alguma atuação profissional ou em alguma manifestação expressiva.

A escolha de trabalhar com as entrevistas, é pela riqueza de detalhes que esta pode captar no diálogo com os entrevistados (GASKELL, 2002; MAY, 2004). Vejo o quanto é importante trabalhar com a oralidade, para podermos compreender o ponto de vista das pessoas. Além disso, cumpre lembrar que os critérios utilizados para o estabelecimento de amostras estatísticas das entrevistas quantitativas não são adequados para a seleção dos entrevistados de pesquisas qualitativas, pois as duas metodologias de pesquisa têm finalidades diversas: “A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002, p.68). As entrevistas foram realizadas em distintos períodos pela equipe do projeto, assim como sua transcrição. Formam um acervo importante que possibilita discutir as diferentes experiências, como afrodescendente, na cidade de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os depoimentos apontam para a persistência das situações de preconceito e discriminação na cidade de Pelotas. Há vários relatos sobre a discriminação racial na cidade, em razão das já mencionadas fronteiras impostas pela elite pelotense,

A discriminação e o preconceito aconteciam em várias situações: no trabalho, lazer, espaços públicos e até mesmo religiosos, apresentando-se de forma

manifesta ou velada. Por uma questão ética de preservação da privacidade dos(as) entrevistados(as), não identificarei os autores dos depoimentos. Uma das entrevistadas, ao referir a estreita ligação entre ser negro e trabalho doméstico algumas décadas após a abolição, relata:

[...] naquela época era comum ir buscarem em Canguçu empregados para as famílias ricas, no caso elas costumavam dizer: vamos trazer uma negra de Canguçu pra trabalhar.

Nesta fala podemos observar a continuidade da relação entre trabalho manual e negritude. Outro ponto que chama atenção é que homens negros, por algum período da história da cidade não podiam jogar em clubes de futebol, segundo relata um dos primeiros jogadores negros:

[...] Eu me lembro que um dia ouvi falar assim, na época, mas deve ter sido o primeiro negrão no Pelotas. O Pelotas não, por melhor que eu fosse na época, o Pelotas não contratava. Negrão não...

Os afrodescendentes não podiam comprar o ingresso para um jogo de futebol, no mesmo local que a elite branca pelotense comprava:

[...] Era lá na geral. Ali na... Deus o livre, só depois nós, com certa cultura, certo nome que podia entrar ali. Não entrava. Chegava ali pra comprar a entrada ali... Deus o livre, "não te enxerga, que tu quer aqui?", era pelo lado, pela Gonçalves Chaves né. E as mesas, aqueles bancos lá melhor, aqueles lá eram pros elitizante.

Estas restrições aos negros dos espaços que podiam ser ocupados se estendiam para os clubes sociais ou cinemas, o que explica o surgimento dos clubes sociais negros. O depoimento abaixo fornece uma ideia sobre o quanto a convivência entre brancos e negros era restrita a uma cordialidade formal:

[...] Pessoas se gostavam, se respeitavam e tudo, tinham amigos – meu amigo fulano de tal..bom -, mas na hora do vamos ver, o amigo negro tinha que freqüentar o Fica Ahi Ele ia pra um baile era no Fica Ahi, no Chove Não Molha, no Depois da Chuva. O amigo negro era sócio do Fica Ahi... O amigo branco podia ser sócio... se fosse um amigo pobre assim, um clube mais modesto, mas seria sócio do Caixeral, que era dos comerciantes; mais abastado, seria sócio do Clube Comercial. O cinema Capitólio, eu já quando comecei a ir a cinema, já permitia entrar negro, mas antes, até um determinado tempo, eu tinha a informação de que não permitiam. A maioria dos negros evitava de ir assistir o filme no Capitólio.

Nos espaços escolares o negro era proibido de frequentar, e quando podiam frequentar não tinham uma atenção como os outros estudantes.

Mesmo assim alguns afrodescendentes conseguiram enfrentar essas barreiras e se formaram, como é o caso abaixo exposto:

[...] Então esse grupo de moças, nestas alturas, então nós estávamos tudo estudando, tirando o normal então era assim, uma entrava pro ginásio então vamos fazer exame de admissão, vamos fazer... Ai juntava quatro, cinco das colegas. [...] fiz magistério trabalhei vinte e oito anos como professora no magistério como alfabetizadora.

Mesmo com todas as dificuldades de estudar, os afrodescendentes não ficaram parados ou submissos como os livros didáticos nos contam, eles foram

atrás de seus ideais, seja para a realização própria ou para ajudar o seus familiares. Essas pessoas das entrevistas que relatam situações discriminatórias estão na faixa etária de 60 anos ou mais, mas isso não significa que as manifestações de discriminação não aconteçam agora. A discriminação e o preconceito caminham em passos lentos, mesmo tendo as políticas de ações afirmativas, enquanto não houver o respeito de todos os brasileiros(as) sobre a diversidade que o país tem, isso não acabará.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho de sistematização destas entrevistas, ainda em estágio inicial, revela outra cidade, vivida a partir de outros olhares, distintos dos que constam nas narrativas oficiais. As iniciativas dos últimos anos de implementação de ações afirmativas abre novos espaços de inserção e possibilita que esta história seja contada de formas diferentes. Mas ao mesmo tempo, as reações a estas políticas revelam o quanto o racismo na sociedade brasileira ainda é muito forte. Um exemplo é o genocídio em curso da juventude negra, que vem sendo problematizado pelo movimento negro em todo o país. Ao se propor a discutir preconceito e discriminação racial, este trabalho pretende contribuir para processos de conscientização e ações educativas que erradique, futuramente, estas atitudes e comportamentos das relações humanas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global Editora, 2007.

GUIMARÃES, Antonio Sergio. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. In: **Novos Estudos**, São Paulo, nº 61, p. 147-162, 2001.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89

LONER, Beatriz Ana, GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 35, n. 1, p.145-162. Porto Alegre, 2009.